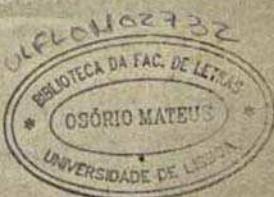


**SEGUNDA PARTE
DA
RELACAM
DO
TRIUMPHO
QUE FEZ ACIDADE DE LISBOA,
QVANDO OS MONARCAS
de Portugal forao á S. Sè
desta Corte.**

Noticia dos arcos triumphaes.

Por



Sebastião de Affonseca, & Payva , Freire Conventual
do Convento Real de Palmela , da Ordem de Sanct-Iago
da Espada, & Mestre da Cappella no Hospital Real
de todos os Santos.

କେବଳ ପାଦମଣ୍ଡଳ ଏବଂ ଶରୀରର ଅନ୍ୟାନ୍ୟ ଭାଗରେ ଯାତ୍ରା କରିବାକୁ ପାଇଁ ଏହା ପରିଚ୍ଛନ୍ନ ହେଲା

L I S B O A.

Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO.

M. DC. LXXX.VII.

Com todas as licenças necessárias.

RECEIVED
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARIES
CAY 30 00 1964
CAY 30 00 1964

Indicates ownership by the University of Toronto
or its affiliated libraries. Not to be removed from
the building or loaned to other institutions.

CE 12801

CE 12801

CE 12801

SYLVA SEGUNDA.



EGUNDA parte prometti senhores,
 E em empenhos mayores,
 Neste istante me vejo;
 Mas se pôde admittirse o meu desejo;
 Desempenhado fico,
 Pois sempre de desejos fui mui rico,
 E em taõ gozoso empenho,
 Applausos mil a mil de todos tenho;
 Que em assumpto,& materia taõ selecta,
 He a pena mais tosca,a mais discreta.
 Era Sabbado o mais devoto dia,
 Dia que em toda a parte he de Maria,
 E amanhecendo entaõ claro, & sermioso;
 Bem mostrou ser em tudo portentoso,
 Fervia a gente toda,
 Aqui o coche, alli aseje roda,
 E em coche o Sol correndo pellos ares,
 Este dia abrasou com soes apares,
 Lançou librê lustrofa,
 Por outra esfera ver mais luminosa.
 Todo o tambor entaõ se fez em rachas,
 Era verdade tudo,& tudo caxas,
 E entre alegre rumor,& eccos velozes,
 Aqui se ouvia o tiro, alli as vozes,
 Toda a rua se armou de prima classe
 Que ouvindo tanto tiro, he bem se armasse,
 Preparouse o triumpho,
 E a gente pellas ruas,& janellas,
 Esperava o Sol ver, com as Estrellas,

E era tal o alvoroço, & alegria,
 Que houve quem vio a Estrella ao meyo dia,
 Mas na hora terceira,
 O triumpho sahio desta maneira.
 Por entre Infantes mil da ordenança,
 (Que em be m viestosas alas,
 Trajava cada hum, bem ricas galas,
 E os cabos taõ cu strosos se ostentavaõ,
 Que sobre si o Poto si levavaõ.)
 Com sonoroſo tom quattro trombetas,
 Vinhaõ diante, em tudo taõ seleſtas,
 Que em docil união todas toca vaõ,
 E o triumpho mais feliz appellidavaõ;
 Que hoje a fama por montes, grutas, rocas,
 O triumpho appellidou por quattro bocas.
 Seguiaõſe as folias muy viſtosas,
 E a de Monte Lavar fatal folia,
 Em voltas com o tambor se desfazia,
 E com ricos toantes,
 Sonadilhas cantavaõ bem galantes.
 Faziaõ doce bulha,
 As meninas de Alfama, &c da Pampulha;
 Hia o Zangaralheiro muy contente,
 Fazendo muita festa com o seu pente:
 Os das espadas, fuliões famosos,
 Valentemente airoſos,
 Cada qual nesta entrada,
 Applausos leva á ponta alli da espada.
 Vinha a dança dos Mouros,
 E dançando cada hum, húa mourifca,
 De Portugal quer ser, de Argel se rifica,
 E folia tao bella,
 Que entre todas as mais só triumpha ella.

Puderaõ ser doce enveja:
Se estas eras alcançassem.

Do ouro os ourives tinhaõ
O Monte Ida, & seu valle,
Donde Venus por ferosa,
Logrou a maçaa de Paris.

Tinha fontes, tinha bosques,
Flores, frutos, rios, tanques,
Cuja descripçao tem sido,
Recreo de engenhos grandes.

O arco quinto corria,
Por conta dos Alfayates,
Que em ser de quem passa a linha,
Puderá estar sobre os mares.

Feito á agulha parecia,
Com muitas flores tomates,
Que hoje as flores estrangeiras,
Daõ ás Portuguesas mate.

Sexto arco sobre a fonte,
Hoje os esparteiros fazem,
Que he parto de seu amor,
E de seu cabedal parte.

Jesus, Maria, Joseph,
Tinha em si, rica Trindade,
A quem postrados veneraõ,
Do luzo as tres Magestades.

Arco settimo fizeraõ.

Os Belgas, & taõ notavel,
Que vello em taõ rico dia,
Naõ tinha que ver mais Flandes
O triumpho oitavo dedicaõ
Com custo consideravel,
Da Cidade os mercadores,

Que

Que sempre caprichar sabem.

De Portugal os Reys todos
Estavaõ com versos graves,
Tendo em si prata ás arrobas,
Tendo em si ouro aos arrates.

Dos vinhateiros o nono,
Foy do pelourinho realce,
Donde em Portugal se via,
Novo Imperio começar-se.

Todos os Reys tambem tinha,
Com epitetos notaveis,
Donde pacifico Pedro,
Intitulava a verdade.

Os Carpinteiros fizeraõ
Hum arco taõ arrogante,
Que aquelles que eraõ luzidos,
Lhe naõ leváraõ ventagem.

São Joseph emcima estava,
Carpinteiro de tal arte,
Que com seu trabalho pode
Sustentar hum Deos taõ grande.

Lá junto da Magdalena,
Estava muito agradavel,
O dos Ourives da prata,
Com caprichoso remate.

Na volta, o dos çapateiros,
Naõ tinha coufa notavel,
Mas nada desmerecia,
Dos mais que o concurso aplaude.

O dos Cirieiros teve,
Extremos que reparar-se,
Da porta do ferro o duro,
Do brando da cera o grave.

Parreiras tinha tão ricas,
Que não sabia julgarse,
Se era o boal como cera,
Se de cera o camarate.

A porta de Santo Antonio.
De bordados, & volantes,
Os armadores fizeraõ,
Tambem seu arco triumphante.

Este foy donde o Coelho,
Mostrou com discreta fraze,
O fino de seu juiso,
Em bem composta linguage.

Com doctíssima elegancia,
Fez practica ás Magestades,
Porém como impressa corre,
Escusa aqui relatarse.

No taboleiro da Sé,
Fez França vistoſo alarde,
Que escolhida ao taboleiro,
Foy sempre a sua amisade,
Mageſtoſo ornato ostenta,
O frontespicio notavel,
Taõ alto que lá com os finos,
Quiz que o Sol o visitasse.

Apeouſe a Corte toda,
E viraõſe as Mageſtades,
Como foes os gráos medindo,
Daquelle esfera de jaspe.

Levaraõ do palio as varas,
Os Vereadores da Cidade,
Mas não passaraõ da porta,
Esperando que tornasse.

Entraráõ dentro no Templo,

E fica á porta o Romance,
Porque a Sylva por mais nobre,
Melhor cortejalo sabe.

Foy a porta do Templo o Oriente,
Donde tres soes se viraó juntamente,
Nascendo para Deos sempre devotos,
Guardando leys, sacrificando votos.

O Prelado chegou com alegria
E logo executou húa obra pia,
Agua benta lhe deu, que na verdade,
Aceitou cada hum com humildade,
Que a sumiçaõ nos Reys, se em Deos se apura,
Naõ abate, antes sobe a mór altura.

Outro palio esperava os Reys supremos
Que o Cabido levava
E com capa de asperges o esperava,
E o Christo milagroso,
Que obraço despregou prodigioso,
Noutra funçaõ notavel,
(E até agora ficou taõ memoravel)
Em semelhante dia,
A porta esperar vem Pedro, & Maria,
E direi (mas naõ sei se isto he agravo)
Que por tal Rosa ver, deixou o cravo.

Os cantores melhores,
Com vozes suíperiores,
O Te Deum entoáraõ,
E tres soes adoráraõ
Aquele Sol Divino,
Sobre tres almofadas de ouro fino;
Atraz da Cruz que o Deaõ levava,
Mesmo dentro do palio os Reys se viaõ,
Que devotos a Cruz de Deos seguiaõ;

(65)

Outra de curucheos, que impertinentes,
Senaõ trazem pesar, vem penitentes;
De caretas tambem vinha outra dança,
Mas para a descreuer a pena cança;
Pintalla desejara,
Mas temo que qualquer me saya cara.

Sahio de páos em outra dança o triumpho,
Tendo quatro metaes como baralha
Toda aquella farfalha,
Quando na dança páos, ouros nas opas,
As espadas nas mãos, nos chapeos copas.
As dançadeiras, de ouro guarnecidas,
E as siganas tambem mui bem vestidas,
Que perigosa estava a visinhança,
Siganas donde ha ouro he bem má dança;
Mas em taõ feliz dia,
Naõ reyna a ambiçaõ reyna a alegria,
E bailando, & cantando em toda a praça,
Era gosto o rumor, & a bulha graça.

Vinhaõ certos Ministros
Com asseyo sublime
Naõ digo quais, porque dizello he crime,
E com tal gallardia,
Que ás varas o seu garbo se media.

Os porteiros da maça,
Se puzeraõ na praça
Este dia felice
Com muita prata, & muita bisarria,
E tudo aquillo ás costas lhe cahia.
Os Reys de armas vistosamente ornados,
Ganhavaõ mil abonos seus agrados
E nos numeros seus, & armas divinas,
Elles quadernas saõ, as armas quinas.

Corregedores dous do Crime,& Corte,

Brilhantes,& vistosos de tal sorte,

Que ainda cuido he desdouro,

Dizer que eraõ as becas minas de ouro;

Em dous brutos montados,

Cavalleiros taõ bons, como letrados.

Sincoenta & tres carroças,

Taõ ricas,& vistosas,

Húa a húa rodando gravemente

Admirandose a gente,

De ver a Fidalguia,

Que se vestio de luzes este dia,

E viose muitas vezes,

Com terem muita força os Portugueses,

Fidalgo taõ custoso (& pôde crerse)

Que em pé estar naõ podia, nem moverse.

Depois destas carroças,

Entre fieis archeiros,

Dentro de hum monte de ouro, tres luzeiros,

Tres Soes, ou tres Deidades,

E vinhaõ finalmente as Magestades.

Quem vio tanta grandesa?

Quem pode penetrar tanta belleza?

A vista se cegou naquelle instante,

De ver tanto brilhar tanto diamante,

E tanta fermoſura.

Do mundo luz, de Portugal ventura.

Vestiasi nesta aula mageſtoſa,

De corte o Cravo, de encarnado a Rosa,

A Açucena de branco,

Aos assombros deixando o campo franco,

Prendendo os alvedrios;

Eraõ de gosto alli os olhos rios,

Eraõ os peitos fogo,

Eraõ de amor, os vivas desafogo.

As damas se seguiaõ,

Estrelas que seguindo as luzes hiaõ,

De tres claros planetas,

Em ver ditofas, em seguir discretas,

Adonde a fermosura.

Em seus rostos fez voto de clausura,

Estrella cada húa era do norte,

Pois com guardas as vio toda esta Corte.

Os arcos foraõ vendô,

E certo que pintallos naõ pretendo,

Mais que o numero delles,

E sera hum Romance o seu Apelles,

Porque fora rudeza,

Querer tirar o lustre a tal grandesa,

Com querer relatallos;

Pois era cada hum (o mundo crea)

Pasmo da vista, admiraçao da idea.

R O M A N C E .

G Randesas quero escrever

Neste pequeno romance,

Que ás vezes se pinta hum dedo,

Para mostrar hum gigante.

Para o triumpho mais regio,

Que viraõ nossas idades,

Prepare pasmos a idea,

A vista assombros prepare.

Convocaraõse os officios

Por amor, & por lealdade,

E foy todo o seu empenho,

Seu amor desempenharse.

Desafete arcos triunfaes

Se fizeraõ na Cidade,
Para a funçao mais heroica,
Do amor, & da Magestade.

Na tanoaria estava,
O primeiro, & com tal arte,
Que sendo de Santo Antaõ
Naõ metia medos grandes.

Era dos Atafoneiros,
E com singularidade,
Que estava para os cubertos,
Naõ sendo de titulares.

O segundo de Italianos.
A vozes diz o remate,
Porque na simalha tinha,
A tiara com as chaves.

Ideas tinha sublimes,
E emblemas mui relevantes,
Romano capricho em tudo,
Obra dorica, & notavel.

Lá para a calcetaria,
Outro se via flamante,
E por ser de confeiteiros,
Engenho tinha que farte.

Tinha São Miguel emsima,
Mas o grifo naõ se sabe,
Senaõ he pellas balanças,
Se ha com tal gosto pesares.

O quarto dos moedeiros,
Mais adiante se applaude,
Que em toda a parte a moeda,
Sempre teve a melhor parte.

Donde pinturas se viaõ,
Que de Zeusis, & Timantes,

E em quanto este concurso caminhava,
O Orgaõ o Te Deum acompanhava.

Entráraõ na Cappella,
E parecião bem tres flores nella,
Sendo perpetua o Imperial obgeito
Rosa a Princesa, & Pedro amor perfeito.
Postrados todos do Prelado a bençáo,
Devotos aceitáraõ,
E em oraçao ficáraõ,
Em quanto a silva com curiosa gala,
A armaçaõ vay ver para contala.

Por baixo estava do Coro,
Hum jardim de flores bellas,
Que muitas vezes a arte,
Obra como naturesa.

Intrincados laberintos,
De matizes de ouro, & seda.
Tinha, donde qualquer vista
Se se não perde, se enlea.

Entre finas bordaduras.
Se viaõ ricas feneſas,
Donde em franjões bem tecidos,
O ouro estava em madexas.

Por entretidos volantes
Se viaõ ricas palhetas,
Fique de ré toda a vista,
Que isto só cabe na idea.

As columnas non plus ultra
Pudera ser qualquer dellas,
Adonde em pannos se viaõ,
Triumphos da Romana Igreja.

Pellas varandas em torno,
As cortinas saõ taõ denfas

Que

Que pôde em outra função
Ornarse o mundo com ellas.

Em galés o tecto estava,
E as naves com muita seda
Que de galés, & de naves,
Armada era a Igreja.

No cruzcizo reposteiros,
As Magestades supremas,
Servião, mostrando que he
Lustroso ornato a obediencia.

Dos Soufas as armas tinhão,
Porém ainda assim com ellas,
Com ferem taõ finas armas,
Não sentio a vista offensa.

Dentro da Capella estava
Húa alegre primavera
Porque era hum rico jardim
Todo o tecto da Cappella.

Conheceo a flor a vista
Foy fazerse Anacoreta,
Admirando em douis sepulcros,
Mais que o pavor, a grandesa.

De Vicente, & Affonso quarto,
Húa, & outra urna era,
A mão esquerda o bom Rey,
E Vicente á mão direita.

No altar, que estava hum CEO,
Se via a Mây da puresa,
Levada por mãos dos Anjos,
Lá para a morada eterna.

Depois de feita oração,
Com devota reverencia,
O Cabido de Lisboa

As mãos dos Monarcas beija:
 Sahirão do Templo,&c todos,
 Nas carroças se meterão,
 A tempo que visitava
 Apolo o Deos das baleas.

Ao pelourinho chegárão,
 E virão de Inglaterra,
 O empenho mais custoso,
 No arco triumphal que ostenta.

Em síma tinha São Jorge,
 E em pintura bem selecta,
 De húa parte Affonso Henriques,
 De outra parte a gente Ingleza.

Estava Lisboa livre
 Da sujeição Sarracena,
 Nascendo lá para o Ceo
 Os que morrerão na guerra.

Outro estava dos barbeiros,
 Em modo de fortaleza,
 Lá no terreiro do paço
 Com seus reduçtos,& ameias.

Seguia-se o de Alemanha,
 Raro assombro das ideias
 Coroando o Emperador,
 Aquella máquina excelsa.

Seis Eleitores á roda,
 E as Cidades mais selectas
 Daquelle Império pintadas,
 Com mui discretos emblemas.

Armada toda em redondo,
 Estava a praça de sedas,
 Os terços pagos no meyo,
 E muito pagos das festas.



Lustrosos cabos, & illustres
Esta milicia governão,
Duque, Marquez, Baraõ, Conde,
E infantes a soldadesca.

A cavallaria estava
Com bem vistosas fileiras,
E o Tenente, & Comissario
Luzidos sem competencia.

Derão repetidas cargas,
E aquella praça soberba
Quiz passar praça de humilde,
A vista de tal grandesa.

Os palanques ostentavão
Branco ornato de madeira,
Donde esperava o concurso,
Ver tres soes em breve esfera.

Chegou a noite a ver triumpho taõ alto,
E o dia se ficou de luzes falto,
Que por ver ausentarse o magestofo,
Deixou por esta vez o luminoso,
E a gente com pesar, & alegria,
Sentia a noite, & celebrava o dia;
Querendo áquella hora,
Que o Sol sahisse, & que nascesse a Aurora;
Só por lograr em luzes repetidas
Em hum Sol, & dous astros tres mil vidas,
Passando a noite, quando mais suspirão,
Em contar pasmos, que seus olhos virão,
E em desvellos amantes,
Com que amor se recrea,
Qualquer eri pintor, de sua idea,
Sossegou tudo, & o rumor ausente,
O silencia feiou, & foise a gente.

LAUS D E O.